



UM MILAGRE EM JUAZEIRO

texto e fotos de Alfredo Manevy, enviado especial a Juazeiro do Norte

Eles estavam cansados, e nós, entusiasmados. A convite de Wolney de Oliveira, diretor de *Milagre em Juazeiro*, víamos em primeira-mão um documentário brasileiro ao lado dos romeiros de Padre Cícero, na própria Juazeiro que um dia Lampião desistiu de invadir em respeito à religiosidade e à força não apenas sacerdotal desse padre. E os milagres de Padre Cícero não são poucos. Se Juazeiro é hoje um pólo cultural – e econômico – para a região, isso se deve sem dúvida à liderança e, em certa medida, ao confronto de Padre Cícero com a Igreja Católica, que até hoje não aceita os milagres da Beata.

Legitimidade inesperada

Muitos romeiros não tinham visto nenhuma projeção cinematográfica antes daquela noite, e o tamanho da tela construída na praça despertava a curiosidade para qualquer familiarizado com a tela de TV. Durante a semana anterior, os 50.000 romeiros vieram de diversos pontos do interior do sertão, a maioria em caminhões pau-de-arara, viajando de pé, com vinte valiosos reais desviados de uma magra receita familiar. Já passava das onze da noite, e pessoalmente eu temia que o cansaço das peregrinações tornasse o documentário de Wolney uma penosa

manifestação institucional. Me surpreendi quando, ainda durante a missa que precedia a exibição, Padre Murilo pediu aos romeiros que esperassem pela projeção do filme, pois nele veriam o Padre Cícero falando e caminhando, além do milagre da Beata. O sacerdote católico fazia uma legitimação inesperada do cinema.

Começa a projeção de *Milagre em Juazeiro*, e o documentário de Wolney é a única luz acesa em toda a praça. O filme apresenta Padre Cícero a partir de trechos ficcionais intercalados com trechos documentais, como um homem que fez da devoção religiosa um projeto político e econômico, um ato de fé em Juazeiro, fé nos nordestinos. A própria beata, entre negra e índia, contrastando com o Cristo branco e de olhos claros da camisa vendida pelo romeiro, remete a uma iconografia religiosa sertaneja que é um espelho do sofrimento social da região.

Caminhando por Juazeiro, percebo Cristo desbancado por Padre Cícero e, no caminho dos romeiros, apenas pedidos humildes. Nada de dinheiro nos milagres anotados em fotografias e pedaços de papel. Há poucas ilusões nos pedidos; me lembro, a título de contraste, das missas históricas, as orgias monetárias da Igreja Universal, a mesma que há anos vem consumindo cinemas por meio da religião. Os romeiros solicitam apenas o fim das doenças, pernas e braços curados, ouvidos são para ouvir, olhos bons para ver. Percebo um realismo tácito nos milagres, que evidencia a sobrevivência física imediata como horizonte maior.

E o documentário de Wolney adere a essa religiosidade pé-no-chão de uma região arrasada há séculos, na forma como dramatiza a vida da Beata. Para cada trecho ficcional, os trechos documentais fazem a ponte com o presente, sublinhando os acertos históricos

uma simulação da lenda dourada que um dia foi o cinema. Como disse Serge Daney, certa vez: “É tarde para não começarmos a trabalhar com o que restou do cinema. Do que foi e do que poderia ter sido”. E, no mesmo sentido, Godard: “Nosso trabalho será mostrar como os indivíduos reunidos na escuridão acendiam a imaginação para aquecer sua realidade (no cinema mudo). E como abandonaram a chama ao ritmo das conquistas sociais, contentando-se com uma mínima chama (o cinema sonoro e a televisão no canto do quarto).”

O filme de Wolney se coloca na contramão deste atual cinema brasileiro despreocupado com a importância da exibição – até hoje, pelo que sei, a forma mais bem-sucedida de dialogar com o público. Para minha surpresa, os romeiros não saem do grande círculo sagrado da praça – e, agora, do cinema. O filme parece ter sido feito para eles, mas sem populismos: Wolney não transforma a manifestação popular em apelo ao sobrenatural, folclore, ou em desafio à foto publicitária. Procura extrair dela significados, marcados no uso da montagem e na *mise-en-scène*. As cenas ficcionais, de modo geral, reproduzem a narrativa de Padre Cícero, que todos os romeiros já conhecem, assim como as paixões de Cristo do cinema mudo. Não é a linguagem do campo/contracampo e primeiros planos que mantém a atenção, nem mesmo a narrativa, mas a reprodução de ícones reconhecíveis. Escuto comentários ao meu lado.

É uma romeira de 52 anos, lamentando que ainda há gente que não crê no milagre da Beata. Diz também que seu marido foi morto a tiros por latifundiários. Lembrome de *Cabra Marcado para Morrer* e percebo que a exibição de Wolney (menos que o filme em si) recoloca o cinema diante das novas máscaras de Deus e do Diabo, diante

das faces contemporâneas da dominação e da miséria, das quais o cinema deve, no mínimo, se obrigar a não fazer parte. Também lamento, comigo mesmo, que ainda há gente que não crê no milagre.

O milagre da exibição

Durante a projeção, os olhares tensos repetem a concentração da missa. Nas partes ficcionais, os romeiros reagem por meio de identificações de lugar e de pessoas conhecidas, rindo e reconhecendo o próprio trajeto, cantando com as canções e as rezas de Padre Cícero. Percebo reações aos embates entre Cícero e a Igreja Católica, entre a religiosidade oficial e a regional, que o filme recupera como pequenas esquetes dramáticas um tanto autônomas que a parte documental vem comentar, como justiça poética, dando razão a Cícero e aos romeiros. O filme completa a missa, e a missa prepara o filme.

No dia seguinte, um colega me sugere: a presença quase ritual do romeiros diante da projeção talvez venha a se repetir todos os anos, como mais uma parte do roteiro de peregrinação. Não tenho dúvidas. Estive diante de mais um milagre em Juazeiro.

do Padre, elucidando como os atos de fé transformaram-se numa energia vital porque econômica, numa fonte de sobrevivência, numa fé demasiado concreta.

Paixões de Padre Cícero

Passam de dez minutos de filme, e desço para vê-lo ao lado dos romeiros. Ao meu lado, todos os olhos fixos na imagem de José Dumont, maquiado e de cabelos brancos, como Padre Cícero. A concentração da romaria, evidente no jeito calmo e silencioso desses espectadores desconhecedores de cinema, permanece durante a exibição. Se as outras (inúmeras) imagens de Padre Cícero inspiram confiança durante a peregrinação, esta se valoriza pelo movimento, pelo tamanho da figura e pela fala, e só tem competidor na imensa estátua de Padre Cícero construída no topo de uma montanha. Esqueçam a Estátua da Liberdade e o Cristo Redentor: a estátua de “Padim Ciço é o maior monumento dedicado a uma pessoa humana”, lembra o filme de Wolney que, no entanto, não adere à mesma imobilidade do monumento. Sua visão é provocativa, regida por interessantes associações.

De um lado, a observação do filme (e do fenômeno-cinema) pelos romeiros. De outro, eu percebendo que estava na frente de

